

# Da dimensão terapêutica à forma de resistência: relatos sobre uma oficina de hip hop no CAPS ad Renascer da Fênix

*From the therapeutic dimension to the form of resistance: reports about a hip hop workshop at the  
CAPS ad Renascer da Fênix*

Mayara Ap. Bonora Freire<sup>I</sup>, Leonardo Bonadio Silva<sup>II</sup>, Patrícia Cardozo Schmidt<sup>III</sup>,  
Maria Emília Cortella<sup>IV</sup>, Isabela Dal Poz Ferreira Terribile<sup>V</sup>

## Resumo

Este artigo pretende narrar sobre as potencialidades de uma oficina de hip hop, construída coletivamente com as(os) usuárias(os) do CAPS ad de Ourinhos, município localizado no interior do Estado de São Paulo. As oficinas acontecem em encontros quinzenais, no CAPS ad. Realizamos parcerias com diversos coletivos de hip hop do município, os quais têm, voluntariamente, ofertado sua envergadura cultural, estimulando as(os) usuárias(os) a desenvolverem tanto suas habilidades para a rima, a música, a dança e o desenho, quanto a capacidade de externalizar angústias, opiniões e alegrias. As oficinas têm proporcionado o fortalecimento do vínculo de muitas (os) usuárias (os) no serviço, proporcionando momentos de prazer, dando voz às suas demandas e promovendo cidadania. A expressão pelas canções aparece como uma maneira muito rica de elaboração e de ressignificação da vida, assim como de construção de novas formas de viver. Dessa maneira, espalhar a cultura do hip hop neste espaço é resistir às diversas exclusões sociais, dar voz àquelas (es) que são, diariamente, silenciados, e lutar por uma sociedade mais justa e menos excludente.

**Palavras-chave:** oficinas terapêuticas, CAPS ad, hip hop.

## Abstract

This article intends to narrate about the potentialities of a hip-hop workshop, built collectively with the users of the Psychosocial Care Center, alcohol and drugs in Ourinhos, a city located in the interior of São Paulo state. The workshops take place in biweekly meetings, in the CAPS ad. We have partnerships with several hip hop collectives in the county, who have voluntarily offered their cultural scope, encouraging users to develop their skills for rhyme, music, dance and drawing as well as the ability to externalize anguish, opinions and joys. The workshops have strengthened the bond of many users in the service, providing moments of pleasure, giving voice to their demands and promoting citizenship. The expression by the songs appears as a very rich way of elaboration and resignification of the life, as well as of construction of new ways of living. In this way, to spread the hip hop culture in this space is to resist the various social exclusions, give voice to those who are daily silenced, and to fight for a more just and less exclusive society.

**Keywords:** therapeutic workshops, Psychosocial Care Center, alcohol and drugs, hip hop.

<sup>I</sup> Mayara Ap. Bonora Freire (ma\_bfreire@hotmail.com) é Psicóloga, graduada pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – campus de Assis. Mestranda em Psicologia e Sociedade pela mesma Universidade e Coordenadora do CAPS ad.

<sup>II</sup> Leonardo Bonadio Silva (leo\_bonadio@yahoo.com.br) é estudante do 4º de Psicologia pelas Faculdades Integradas de Ourinhos e Auxiliar administrativo do CAPS ad.

<sup>III</sup> Patrícia Cardozo Schmidt (patyssoca@hotmail.com) é graduada em História pela Faculdade de Filosofia de Jacarezinho e Artesã do CAPS ad.

<sup>IV</sup> Maria Emília Cortella (cortellasohcortella@hotmail.com) é Psicóloga, graduada pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – campus de Bauru. Pós-graduanda em Psicologia, na Universidade Estácio de Sá e Psicóloga do CAPS Ad.

<sup>V</sup> Isabela Dal Poz Ferreira Terribile (isa.dalpoz@hotmail.com) é Terapeuta ocupacional do CAPS ad, graduada pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro.



### Introdução

O uso de substâncias psicoativas sempre esteve presente na humanidade, seja em rituais religiosos, místicos, políticos (como na Grécia Antiga), culturais e festivos. A alteração do estado de consciência é algo buscado por nós, seres humanos, em diversos e distintos momentos: a fim de celebrar a vida, a fim de tamponar angústias, ou, simplesmente, para sentir prazer. Contudo, em nossa sociedade contemporânea, sustentada pelo Modo Capitalista de Produção, os problemas causados pelo uso compulsivo – não apenas de substâncias – têm gerado desconforto, inquietação, assim como têm sido alvo de debates diários. As compulsões atuais já se tornaram diagnósticos: toxicomanias, alcoolismo, Síndrome de Becky Bloom, entre outros tantos – ismos e manias. Em uma sociedade cujo imperativo de vida é o consumo, as instâncias institucionais e coletivas têm marcado os corpos com formas de existência nas quais a falta não pode ser tolerada. No que se refere ao consumo prejudicial de álcool e outras drogas, particularmente, este aparece como um dos principais efeitos

de nossa contemporaneidade, ocupando lugar de destaque nas discussões e na proposição de Políticas Públicas.

Estamos diante de um sofrimento psíquico que tardou a ser considerado como tal, devido à moralidade e ao preconceito impregnados ao tema. Cabe ressaltar aqui que sofrimento psíquico difere do conceito de doença, uma vez que consideramos os problemas decorrentes do consumo de álcool e outras drogas como um sintoma social<sup>5</sup>.

Considerar simplesmente o crack uma doença crônica e recidivante que age no cérebro produzindo tolerância é um reducionismo perigoso que, aliado às políticas proibicionistas, demagógicas e midiáticas, alimentam a contrafissura por toda a superfície expressiva social, inserindo-se nos processos de subjetivação dos drogados e dos não drogados (p.31)

No Brasil, graças ao processo constante de lutas de diversas gerações, pudemos acompanhar, no decorrer dos anos 2000, a ampliação dos Centros de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas (CAPS ad), objetivando o cuidado

de base comunitária e articulado com os demais componentes da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). A RAPS, instituída pela Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011<sup>4</sup>, prioriza, enquanto diretrizes, o respeito aos direitos humanos, garantindo a autonomia e a liberdade das pessoas; a promoção da equidade, reconhecendo os determinantes sociais da saúde; o combate a estigmas e preconceitos, assim como a inclusão social com vistas à promoção de autonomia e ao exercício da cidadania.

Os CAPS ad, enquanto componentes dessa rede, surgem como uma aposta, enquanto lócus e ethos de produção de subjetividades, de construção de laços afetivos, de promoção de saúde e de novas formas de existir para as(os) usuárias de álcool e outras drogas. São novos dispositivos de atenção, inspirados na Reforma Psiquiátrica e no paradigma da Redução de Danos, paradigma este de busca incondicional pela integralidade do cuidado, pela escuta qualificada e diferenciada – livre de preconceitos, julgamentos e estigmas –, pela informação, orientação e o fornecimento de insumos de prevenção, bem como pelo cuidado com o corpo e a subjetividade das pessoas. A garantia de direitos, aqui, aparece como ponto de partida, não de chegada.

Inspiradas(os) pelo paradigma da Redução de Danos e visando à construção de autonomia e cidadania das(os) usuárias(os), encontramos no *hip hop* uma potencialidade inventiva e de resistência.

A arte de rua traz, para o nosso cotidiano, a realidade de uma população que sofre com os efeitos da desigualdade social, assim como denuncia uma sociedade excludente e opressora. No Brasil, o histórico do movimento *hip hop* advém da década de 1980, primeiramente, se manifestando pela dança com o *break*. Se desenvolve, posteriormente, em todas as vertentes do

*hip hop*, como a música, as rimas, o desenho e o *Graffiti*. Há muitas vertentes dos elementos do hip-hop no contexto brasileiro, passando pelo estilo gangster, underground e o contemporâneo lírico. O preconceito em torno deste universo é grande, pois as letras das músicas, em sua maioria, falam do cotidiano de favelas, lutas, crimes e do próprio preconceito. A marginalização da cultura *hip hop* ocorre, sobretudo, devido à marginalização desta população que constrói sua própria forma de manifestação e de produção simbólica (OLIVEIRA, 2015). Percebemos este mesmo estigma direcionado ao uso de álcool e outras drogas, ainda compreendido a partir de um viés proibicionista e que criminaliza o sujeito.

Neste sentido, este artigo pretende narrar sobre as potencialidades de uma oficina de *hip hop*, construída coletivamente com as(os) usuárias do CAPS ad de Ourinhos, município localizado no interior do Estado de São Paulo. Para além das dimensões artísticas, justifica-se a oficina no campo terapêutico, em que as(os) usuárias podem expressar suas vivências construindo a prática da rima, da dança e do grafite, visto que o poder de se expressar em palavras também é utilizado como ferramenta terapêutica, cantando e rimando aquilo está preso dentro de si. A música exerce uma forte influência sobre a expressão, e o *hip hop* se mostra enquanto possibilidade de interrogar o mundo e suas iniquidades. Buscamos, também, o reconhecimento desta cultura enquanto instrumento de transformação e crítica social.

### Metodologia

As oficinas acontecem em encontros quinzenais, no CAPS ad. Realizamos parcerias com diversos coletivos de *hip hop* do município, os quais têm, voluntariamente, ofertado sua envergadura

cultural, estimulando as(os) usuárias(os) a desenvolverem tanto suas habilidades para a rima, a música, a dança e o desenho, quanto a capacidade de externalizar angústias, opiniões e alegrias. As atividades, acompanhadas também pelas(os) trabalhadoras(es) do serviço, contam com exercícios e dinâmicas de rimas, grafite e dança.

### Resultados

Sabe-se que muito deste universo do *hip hop* tem crescido no Brasil, e que as vitórias sociais deste movimento são muitas. Temos acompanhado o mesmo processo de conquistas no cotidiano do CAPS ad. As oficinas têm proporcionado o fortalecimento do vínculo de muitas(os) usuárias(os) no serviço, proporcionando momentos de prazer, dando voz às suas demandas e promovendo cidadania. Em uma dessas oficinas, ocorreu a grafiteagem das paredes do CAPS com as(os) usuárias(os). Em uma das paredes, foi grafitada a Fênix, símbolo do nome escolhido pelas(os) usuárias(os). Ademais, discutimos coletivamente sobre o *Graffiti* enquanto arte e sobre as formas de resistência da cultura do *hip hop* frente a uma ordem instituída e naturalizada. Muitos *raps* foram criados neste espaço, e muitas histórias foram contadas. Histórias de luta, de sofrimento, de violência e de violação de direitos.

Em qualquer suporte, ser expressivo é terapêutico. O terapêutico não é clínico necessariamente. É o que ajuda você a transformar e crescer. Pela arte – de uma Poesia, do *rap*, de um desenho de *graffiti* – também posso falar do amor, da dor, da consciência coletiva<sup>1</sup>. (p.52)

Como exemplo das potencialidades da Oficina, compartilhamos algumas dessas histórias.

J. L., 20 anos, chegou ao CAPS ad encaminhado por uma Comunidade Terapêutica, com diversos delírios psicóticos e muito agressivo. Apresentava histórico de uso abusivo de drogas desde os 12 anos. Estava em situação de rua e possuía vínculos familiares bastante fragilizados. Resistente ao uso de medicamentos para ajudar na contenção da crise, a equipe optou por respeitar sua decisão. Com o manejo diário e intensivo acolhimento, percebemos que J. L. começou a interessar por algumas atividades propostas pelo serviço, sobretudo, a Oficina de *hip hop*, espaço que contribuiu para sua reorganização psíquica. O usuário cantava e compunha músicas como forma de expressão de sua história de vida e sentimentos. Compreendemos a dimensão terapêutica da oficina para o processo de cuidado de J. L., bem como na contenção de sua crise. Atualmente, ele retomou sua vida laborativa e não se encontra mais em situação de rua. Visita o CAPS ad, com frequência, participa de algumas atividades terapêuticas, em especial a Oficina de *hip hop*.

M. F., 31 anos, chegou ao CAPS ad encaminhado pelo CAPS II deste município, com diagnóstico de comorbidade: esquizofrenia e uso prejudicial de *crack*. Iniciou uso de drogas aos 13 anos. Passou por quatro internações, sendo que a última ocorreu em Hospital de Custódia, onde ficou por sete anos. Apresenta delírios psicóticos com os quais se identifica – segundo ele, possui três filhos “imaginários” – e intensifica uso de *crack* quando se angustia com tais delírios, sobretudo quando para de delirar. Após iniciar sua participação nas oficinas de *hip hop*, o usuário passou a escrever diversas letras de músicas, relacionadas à sua vida, ao CAPS e à realidade do crime. Tem participado de “batalhas de rima”, externas ao CAPS, o que, em nossa percepção, contribui para ampliação de seu repertório simbólico e de sua autonomia. O *rap*, para M. F. aparece como

um instrumento terapêutico nos momentos em que apresenta mais angústias e desejos de morte ou de usar *crack*.

Entendemos que a expressão pelas canções aparece como uma maneira muito rica de elaboração e de ressignificação da vida, assim como de construção de novas formas de viver. Conforme relataram Rotondaro<sup>8</sup> e Braga<sup>2</sup>, a escrita, seja de diários, poemas, ou letras de *rap*, tem papel fundamental na exposição de sofrimentos, de vivências e na criação de novas formas de ser. Nesse sentido, podemos dizer que ao comporem seus raps, J. L. e M. F. puderam criar novas formas de serem sobrepujando suas identidade de usuários de drogas e alcançando um papel político e de representatividade social ao denunciarem realidades, desigualdades e angústias comuns entre seus pares.

Acusando uma sociedade violenta e desigual, o *rap* usa do princípio da não violência, inspirado por Martin Luther King Jr. e Mahatma Gandhi, para criticar preconceitos e escrachar costumes conservadores, indo na contramão da sua realidade, combatendo a violência com a conscientização dos problemas sociais e econômicos<sup>6,9</sup>. O movimento *hip hop*, como um todo, tem o importante papel de levar a periferia, e suas questões, para espaços e discussões públicas, povoando lugares de onde são excluídos, fazendo política sem a necessidade de se candidatarem a cargos públicos, expondo e provocando a sociedade segregacionista que os cerca ao marcarem prédios, pontes, praças e parques com seus grafites, *beats*, *breaks* e *raps* (LOURENÇO, 2010). Por isso, nosso papel enquanto um serviço público de saúde que se pauta nos princípios doutrinários do SUS de universalidade, equidade e integralidade<sup>3</sup> é tão importante para fortalecer movimentos de conquista de espaços e de promoção de autonomia e política como o Movimento *hip hop*.

### Considerações Finais

A atenção ao uso prejudicial de álcool e outras drogas deve priorizar a ampliação do repertório simbólico desses sujeitos, os movimentos de emancipação e as práticas de criação e invenção, orientadas pelo paradigma da Redução de Danos, que considera as questões sociais, morais, culturais, territoriais que perpassam o uso. Dessa maneira, espalhar a cultura do *hip hop* neste espaço é resistir às diversas exclusões sociais, dar voz àquelas(es) que são, diariamente, silenciados, e lutar por uma sociedade mais justa e menos excludente.

### Referências

1. Bedoian G, Menezes K. org. Por trás dos muros: Horizontes sociais do *graffiti*. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2008.
2. Braga CML. A escrita na transicionalidade e a possibilidade de ser do adolescente. *Omnia Saúde* 2012, 9 (1): 12-22.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Assistência à Saúde ABC do SUS: Doutrinas e princípios. Brasília: Ministério da Saúde, 1990.
4. Brasil. Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de *crack*, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). *Diário Oficial da União*, nº 247, Seção 1, 26 de dezembro de 2011, pp. 230-232.
5. Lancetti A. *Contrafissura e Plasticidade Psíquica*. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 2015.
6. Lourenço ML.. Arte, cultura, e política: o movimento *hip hop* e a constituição dos narradores urbanos. *Psicol Am Lat México* 2010, 19.
7. Oliveira RC. *Rap e política: percepções da vida social brasileira*. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2015.
8. Rotondaro DP. Os desafios constantes de uma psicóloga no abrigo. *Psicol Cienc Prof Brasília* 2002, 22 (3): 8-13.
9. Silva CYG, Milani RG. Adolescência e tendência antisocial: o *rap* como expressão de uma privação emocional. *Psicol. cienc. prof. Brasília*, v. 35, n. 2, p. 374-388, jun. 2015.